A SAGA DE KYLAH

E A ELFO DA DESTRUIÇÃO

SALLY MAZAY

A SAGA DE KYLAH

E A ELFO DA DESTRUIÇÃO

partners coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023
Copyright © Sally Mazay, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Mirella Santana

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

MODELO DE CAPA
Gabrielé Sidabraité

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Mazay, Sally
A saga de Kylah e a elfo da destruição / Sally Mazay – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-64-9

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3

Grupo Editorial coerência

partners coerência

Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Para todas as Kylahs deste mundo.
Sempre existirão monstros, mas você pode derrotá-los.

PRÓLOGO

Um grito alto e desesperado rasgava minha garganta. Uma dor maior do que qualquer coisa que eu já tinha sentido despedaçava meu coração. Ajoelhada no chão da sala em que um dia já fora interrogada, ao lado dos corpos inertes de meus amigos e meus pais ainda desacordados, soluços grotescos me impediam de respirar. E eu simplesmente não conseguia parar. Jamais seria capaz de parar de chorar. Acabara de assassinar a minha história de amor. Tinha perdido a única coisa sem a qual não poderia viver. Meu doce anjo fora forçado a me deixar. "Chorar" era pouco para descrever o que eu estava fazendo. Estava silencioso lá dentro. Eu me sentia mais sozinha do que jamais me sentira antes. Estava morta, e não conseguia morrer.

I

Depois de muito tempo, senti uma presença ao meu lado. E por um milésimo de segundo pensei que talvez ele tivesse voltado, que nada daquilo tinha sido real, que de alguma maneira seríamos capazes de superar a maldição... Senti meu coração bater de uma única vez, em um pulo acelerado, enquanto se enchia de esperança. Mas era minha melhor amiga, Arawyn, que estava lá. Chorando silenciosamente comigo, a elfo de claros cabelos curtos e bagunçados segurou com carinho minha mão, incapaz de encontrar palavras que pudessem me consolar.

Minha visão estava turva por causa do turbilhão de lágrimas sem fim que escorria por meu rosto. Mesmo sem ver, eu sabia que o mundo tinha perdido as cores. E nunca mais... nunca mais poderia voltar a ser feliz. Sabia que jamais encontraria uma maneira de sobreviver àquilo. Mesmo que fisicamente continuasse forte, minha alma estava doente. Partida ao meio. Perdida na prisão escura que era meu corpo, sem conseguir se libertar.

— Kylah? — Ouvi a voz receosa e penalizada de Arawyn parecer se materializar no meio do vazio. Do nada. — Kylah, vamos sair daqui — continuou com delicadeza, tocando meu braço.

Eu permaneci ajoelhada no chão, incapaz de me mover. Queria responder. Queria dizer que não, que jamais conseguiria me levantar de novo. Mas não estava em condições de falar ou argumentar. Apenas solucei e balancei a cabeça em negativa. Nada poderia afastar aquela agonia de mim. Minhas mãos estavam geladas, o estômago parecia estar despencando por um buraco infinito; no lugar do meu antes apaixonado coração estava uma cratera.

Eu via a minha vida como uma telespectadora. Como se aquilo não pudesse estar de fato acontecendo. Dentro de minha mente, uma música cheia

de ódio e dor embalava a triste cena. Uma cena que demorava demais para se desenrolar, para finalmente terminar. Era quase como se tudo estivesse em câmera lenta, justo na pior parte possível. E não havia nada que eu pudesse fazer, não havia um modo de fugir. Sentia-me impotente e só queria gritar.

Depois disso, não saberia dizer como cheguei em casa. Não sei dizer o que acontecera às pessoas que tinham sido torturadas por minha causa. Quando dei por mim, estava lá. No meu quarto. Sozinha. Sozinha, como sempre estaria dali em diante.

Era como se Seheiah tivesse morrido. Era como se o que houvera entre nós nunca tivesse existido. Na verdade, era pior do que isso. Porque eu me lembrava do que tínhamos vivido. E agora nunca poderia ser novamente.

Os caídos enfim conseguiram. A pedra mágica de minha avó era a única coisa que podia controlar a maldição que eles infligiram a nós. E agora, sem o cristal... Se eu e Seheiah permanecêssemos na presença um do outro, ele não teria escolha. Não poderia lutar contra sua herança genética. Como o anjo da morte que era, ele me mataria.

Meu coração gritava para mim mesma. Gritava que estava quebrado, despedaçado. E nada podia ser feito. O desespero fervia por debaixo da minha pele. Eu queria gritar. E só havia um lugar que poderia me ajudar, não a melhorar, mas a anestesiar minha dor. Corri para meu refúgio.

Acho que passei correndo por meus amigos, mas não saberia dizer com certeza. Não olhei para os lados e ninguém me impediu. Ao alcançar o lago no jardim da casa dos meus pais, caminhei lentamente para dentro dele, sentindo o frio penetrar meus ossos, como se milhares de agulhas finas pinicassem minha pele morna. O céu estava escuro, sem lua nem estrelas, e o vento uivava com tristeza. Meu desejo era me deixar levar pela minha dor para dentro do buraco que estava no lugar do meu coração. Até ficar completamente submersa. E respirar... não fosse mais necessário.

Afundei. Como uma pedra, deixei-me cair na água profunda e gelada, onde nada mais poderia me machucar. Eu sabia que nenhuma artimanha

poderia apagar o beijo da morte que marcava a minha pele. De repente a ideia de permanecer embaixo da água até tudo desaparecer parecia tentadora demais. O futuro que me esperava era tão desolador e sem esperanças, que... não conseguia enxergar uma saída, um motivo para lutar... Dominando a água, era fácil me manter presa no fundo, e eu me sentia tão confortável com meu elemento que perecer por ele doía de maneira reconfortante.

Meu corpo ansiava por ar, mas eu estava fazendo o meu melhor. Meu coração estava quebrado! Quebrado, quebrado, quebrado... Partido ao meio. Minha alma destroçada não poderia ser curada. Nada poderia me salvar... E eu não poderia viver sem ele. Sem Seheiah. Meu anjo escuro. O amor da minha vida! Não suportaria. Não era uma decisão pensada, contudo, num impulso, naquele momento, pareceu a coisa certa. Eu estava tão machucada por dentro que só queria desistir.

Perdi os sentidos de uma maneira estranha, porque percebi o que acontecia. A falta de ar me fez desmaiar, ainda submersa. Mas, em vez de não me lembrar de nada, comecei a sonhar. Com ele. E imediatamente eu soube que aquilo se tratava da nossa estranha ligação. Seheiah sentia o mesmo que eu, e de alguma maneira inexplicável nossas mentes estavam interligadas.

— Meu amor, volte para mim. — A mais doce de todas as vozes suplicou. A mais irresistível. A voz que costumava vir acompanhada de cálidos olhos dourados. — Volte para mim, Kylah.

— Se eu voltar não será para você. Será para o nada... — respondi nessa espécie de visão.

— Nós vamos encontrar uma maneira. — Ele soou repleto de dor e amargura. Eu sabia que, embora esse fosse o nosso maior desejo, não era verdade. — Always[1]*— disse por fim; o nome da nossa música.*

E tudo o que ela significava para nós veio à tona numa onda de sentimentos. Nosso amor era para sempre. Mesmo que as estrelas não brilhassem mais, mesmo que o céu incendiasse... Nosso amor continuaria existindo. Sempre.

— Seheiah? — sussurrei depois de bastante tempo.

1. Em livre tradução: "Sempre".

Mas não houve resposta. *Ele se foi*, falei para mim mesma. Eu não fazia ideia de onde meu anjo estava. Não sabia o que ele faria a seguir, se havia algum plano. Não havia entendido como a nossa ligação funcionava, no entanto mais uma vez nós tínhamos perdido contato. Eu apenas sabia que se houvesse qualquer maneira de quebrar a maldição ele a encontraria.

Em algum momento do dia, minha mãe entrou no quarto. Sua expressão era pesada e preocupada — com certeza meus amigos explicaram o que acontecera. Eu ainda não falara com ninguém desde... desde a destruição da pedra. Ela se movia como um ratinho silencioso. Eu sabia que minha mãe tinha notado que estava acordada, mesmo assim ela nada disse. Trouxe uma bandeja cheia de croissants quentinhos e uma jarra com suco de laranja fresco. Depositou-a na mesinha ao meu lado — minha antiga mesa de vidro, que fora quebrada, havia sido substituída por uma nova mesinha provençal — e voltou a caminhar em direção à porta.

Queria dizer que a amava, que eu ficaria bem. Queria consolá-la pelo que quer que tivesse acontecido com ela e meu pai antes de chegarmos àquele terrível local. Queria me desculpar, mas simplesmente não tinha forças para nada. E, além disso, eu não ficaria bem. Nada jamais ficaria bem.

O cheiro da comida me deu água na boca e depois de um tempo lutando com teimosia contra meu desejo cedi ao meu estômago, que roncava com insistência, e dei uma mordida em um croissant. Surpresa, percebi que eu ainda era capaz de comer. Devorei-o por inteiro, o que foi um erro, porque apenas alguns segundos depois tive de correr ao banheiro e vomitar. Quando não havia mais nada para sair do meu corpo, acho que adormeci ali mesmo, no chão frio do banheiro.

Acordei sem lembrar ao certo onde estava, sentindo-me horrivelmente só. Cansada, resignada e desolada, levantei-me e decidi tomar um banho. Acabei sentada no chão, deixando a água quente escorrer por meu corpo enquanto chorava.

Lembrei-me de repente de Christian. Meu outro amor. O primeiro amor que eu tivera. Meu melhor amigo. Recordei-me da primeira vez que o vira, na

escola, antes de sequer saber que eu era uma elfo assim como ele. Seus cabelos loiro claríssimos, brancos e dourados como o sol, brilhavam, compridos, entre ombros largos. O rosto fino me observava com perspicazes olhos azuis. E instantaneamente achei que o conhecia. Havia tido o reconhecimento com ele, mesmo sem saber o que aquilo significava na época.

Lembrei-me com saudades do quanto ele cuidara de mim, de como tínhamos nos divertido na Terra da Luz na época em que eu aprendia tudo sobre Gaya. De quando Chris me mostrara o raio do ocaso e como dominar meu elemento. Da nossa missão, que se prolongara até alguns dias antes... E, por fim, de como eu escolhera Seheiah em vez dele. Christian deveria ter sofrido da mesma maneira que eu estava sofrendo. Agora que perdera alguém para sempre, eu poderia entender a dor que infligira a ele.

Como poderia alguém suportar algo assim? Passei a chorar ainda mais ao pensar no sofrimento que eu tinha causado. Como pudera? Aquela sensação de agonia intensa, fervendo embaixo de minha pele, voltou a me afligir. De um momento para o outro, eu estava sem ar. Levantei-me zonza e fechei a água quente, esperando que o reconfortante frio fizesse efeito. Como eu pudera?

Por mais que amasse Seheiah, por mais que não me arrependesse do que vivera com ele... Ainda assim, não consegui me perdoar pelo que tinha feito com Chris. Eu precisava ter explicado, tê-lo preparado de alguma maneira... Contudo, como alguém poderia se preparar para isso? Como qualquer tipo de explicação poderia ajudar com o fato de ter um pedaço do seu coração arrancado, estraçalhado? Como sobreviver?

Eu tinha me entregado a Seheiah. Sem receios, com toda a certeza do mundo... Eu havia entregado tudo o que eu era ao meu anjo. E precisava dele, da sua escuridão pacífica. Ou os pesadelos me devorariam viva!

A água estava cada vez mais fria, lavando o fogo que ardia por debaixo de minha pele. E, aos poucos, voltei a me sentir morta. Não havia nada que eu pudesse fazer. Dor nenhuma poderia mudar o que tinha acontecido. E por pior que fosse, sentir-me morta era reconfortante. Uma pessoa vazia não podia ser capaz de sentir dor.